

ARTIGO

O PERCURSO DO ESCLARECIMENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA *DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO* DE T. W. ADORNO E M. HORKHEIMER

Francisco Clever Nunes dos Santos

Bacharel em Filosofia pela UVA
cleverhard@hotmail.com

Resumo: O tema central abordado neste artigo tem como foco apresentar o percurso do esclarecimento a partir da obra *Dialética do Esclarecimento* [1985] de Adorno e Horkheimer. Com o objetivo de explicitar como o esclarecimento se converte em mito na modernidade. Neste sentido, os autores identificam o esclarecimento como um processo de desencantamento do mundo, que tem como função a superação das explicações mitológicas dadas pelo homem no transcorrer da história. Assim sendo, o esclarecimento, na modernidade, fazendo uso da razão e do princípio da imanência, instituiu o método matemático que possibilitou a produção do saber técnico, o qual se tornou o trunfo da modernidade, mas sem emancipar o homem do medo e nem da dominação de outros homens.

Palavras-chave: Esclarecimento. Mitificação da razão. Autoconservação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma abordagem sobre o percurso do esclarecimento a partir da obra *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer, com objetivo de explicitar como o esclarecimento se converte em mito na modernidade. Para desenvolver o tema e atingir o objetivo proposto, apresentaremos a compreensão dos referidos autores a partir de um esboço histórico do conceito de esclarecimento, destacando, primeiramente, o conceito de mito como esclarecimento na sequência, o esclarecimento presente na modernidade e finalmente trabalharemos o esclarecimento enquanto mitificação da razão.

Nesta perspectiva, Adorno e Horkheimer apresentam o conceito de esclarecimento como um processo que se dá ao longo da história, que se remete a ação

dos homens desde o período mitológico, que busca se libertar das potências místicas da natureza, para conseguente chegar à racionalização filosófica e científica.

Os autores afirmam que o referido processo tem como meta a desmitificação e a autoconservação¹ por meio de um conhecimento racional. Isto já se encontrava nas narrativas de Homero, onde aparece a relação entre mito e esclarecimento. Este entrelaçamento de forças, de forma específica segundo Adorno e Horkheimer, se encontra no duodécimo canto da Odisséia, que é relatado o encontro de Ulisses com as Sereias: “A sedução que exercem é a de se deixar perder no que passou. Mas o herói a quem se destina na sedução, emancipou-se com o sofrimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.38).

Segundo Adorno e Horkheimer, o princípio da desmitificação se deu a partir de um entrelaçamento de forças que se exigiu o sacrifício do homem em busca de sua autoconservação. Em virtude disto, este processo de desmistificação, se dá a partir do uso da razão instrumentalizada e da ciência/ técnica que buscará superar e derrotar qualquer forma de superstição diante da natureza a partir do princípio da imanência e da calculabilidade.

Mas, a razão presente no esclarecimento é uma razão mitificada e instrumentalizada que se caracteriza pela sua unilateralidade e como sendo uma racionalidade autoconservadora em que seu método tem como critérios o princípio da imanência² e da calculabilidade que almejava a regularidade e unidade do mundo (das coisas) e do pensamento, porém estes critérios também já preexistiam no mito segundo os autores.

O MITO COMO ESCLARECIMENTO

¹ Sobre isto Adorno e Horkheimer afirmam: “O sistema visado pelo esclarecimento é a forma de conhecimento que lida melhor com os fatos e mais eficazmente apoia o sujeito na natureza. Seus princípios são o da autoconservação.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 7).

² Com isto, a objetividade da ciência consiste também no fato de que tudo nela pode ser repetido *ad nauseam*, como um experimento, por exemplo, dando sempre o mesmo resultado. Ora, segundo Adorno e Horkheimer, a temporalidade cíclica do mito pressupõe exatamente essa possibilidade de repetição que é hoje considerada típica da ciência moderna: “O princípio da imanência, da explicação de todo acontecer como repetição, o qual o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é aquele do próprio mito.” (DUARTE, 2004, p. 29).

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 129-142
--------------	-------	------	-----------------------	------------

Neste primeiro momento será apresentado, segundo o pensamento de Adorno e Horkheimer, que o mito e a magia se mostravam como uma forma de antecipação da ciência, e isto se dá pelo fato de haver algo no conhecimento científico que o fazia está ligado ao mito, como por exemplo, o caráter de repetição e o princípio de imanência. A ciência consiste deste modo, no fato de que tudo nela pode ser repetido, como num experimento científico que busca sempre o mesmo resultado exato, ou seja, é essa ideia de repetição que caracteriza a ciência moderna.

Nesse sentido, Adorno e Horkheimer buscam entender as origens do conceito de esclarecimento não apenas na modernidade e às Luzes do século dezoito ou de um movimento filosófico específico, mas a partir de um ponto de vista histórico mais geral, por exemplo, na origem da civilização, nas narrativas mitológicas, nas passagens das narrativas homéricas.

Acresce a isso que não podemos nem mesmo que a ilustração constitua para eles o exemplo histórico privilegiado do esclarecimento, uma vez que é muito mais longe, na experiência do herói da Odisséia, que vão buscar o protótipo dessa atividade esclarecedora que se confunde com o processo civilizatório (ALMEIDA, 1985, p. 7).

Em relação à magia, segundo os autores, já se tinha uma pretensão desse tipo de “conhecimento” de dominar a natureza a partir do uso das forças mágicas, e estas forças eram manifestadas por um processo de substitutividade específicas e estes processos presente na magia visavam fins, e estes fins seguiam a via da *mimese*.³ Diante disto, essa ideia de substitutividade, se apresentava por via do sacrifício que eram oferecidos aos deuses, neste caso, não mais se tinha pessoas como oferendas, e sim animais.

Esse modo de proceder revela uma forma de astúcia desenvolvida pelos primórdios para enganar os deuses e isto se caracteriza como um processo primitivo de esclarecimento que antecipou até mesmo a mitologia. Sobre isto, afirmam os autores em

³ Verlaine afirma que “a mimese seria uma forma de relacionamento com o mundo em que a mediação pelo o conceito ainda não existe ou é suprimida. Mas como pensar conceitualmente, algo que é, a rigor, não-conceitual, ou seja, que escapa ao poder de compreensão dos conceitos? Dada essa a- conceitualidade da mimesis, ela possui uma qualificação tripla: é pensada como um modo de regressão atual dessa última e aponta para uma superação das mazelas da racionalidade fundada na onipotência do conceito. Desse modo, a mimesis oscila, em termos de sua inserção contextual no pensamento de Adorno, esta entre um modo rudimentar pré-histórico de conhecimento, passando pela colocação hiperbolicamente crítica da condição do pensamento reificado e chegando a situar-se como “redenção” desse mesmo estado em uma concepção (negativa) de utopia cognitiva!” (VERLAINE, 2006, p. 19-20).

análise: “A substituição no sacrifício assinala um novo passo em direção à lógica discursiva” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 22).

Nessa perspectiva, o esclarecimento no período mitológico apresenta-se, pela ótica dos referidos autores, como sendo uma forma de antropomorfismo, e nesta forma havia uma projeção do subjetivo em detrimento à natureza. Com isso, os espíritos, o sobrenatural, os deuses seriam apenas produtos de uma projeção das especulações dos homens, de modo que aquelas entidades (sobrenaturais) eram originadas do desespero e do medo ancestral em detrimento das ameaças e das forças presente na natureza. Desse modo, o mito que buscava dominar a natureza e de explicar a origem das coisas e do universo era na verdade, produto do próprio homem que buscava explicar ou interpretar os fenômenos naturais de forma simbólica. “Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o Esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito” (DUARTE, 1985, p. 19).

Por este ponto de vista, o objetivo do mito era o de dominar a natureza, visto que o esclarecimento mitológico procurava explicar a realidade, os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, as origens do Mundo e do Homem por meio de deuses, semideuses e heróis. Isto se dava a partir de narrativas sobre a origem de alguma coisa (dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da morte, etc.). Desse modo, o mito pretendia representar o mundo a partir de uma narrativa de caráter simbólico. “O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19). Decorre daí que, segundo a tese dos filósofos, essas narrativas míticas mostram os mitos como uma antecipação da ciência, do esclarecimento, pois já residia no mito um desejo de domar a natureza.

Dito isto, os autores diagnosticam e defendem que o mito era uma forma de antecipação da ciência e do esclarecimento, pois eles perceberam que na modernidade, estavam também presentes os mesmos desejos que já faziam parte do mito, ou seja, os mitos já estavam ligados aos mesmos preceitos e poder que Bacon defendia na modernidade, “Os mitos como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como o objetivo a se alcançar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20). Adorno e Horkheimer afirmou ainda sobre o assunto que:

Os mitos, assim como ritos mágicos, têm em vista a natureza que se repete. Ela é o âmago do simbólico: um ser ou um processo representado como eterno porque deve voltar sempre a ocorrer na efetuação do símbolo. Inexauribilidade, renovação infinita, permanência do significado não são apenas atributos de todos os símbolos, mas seu verdadeiro conteúdo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 30-31).

O ESCLARECIMENTO NA MODERNIDADE

Neste item, será apresentado o esclarecimento presente na modernidade que tinha como objetivo romper e superar as explicações míticas. O esclarecimento presente na modernidade apresentou a razão e a matemática como uma tentativa racional e sistemática para compreender a gênese e a transformação e a ordem da natureza e do *cosmo*. Sabendo disto, o esclarecimento deste período é hostil em relação às explicações dadas pelos mitos, magias e religião. Então, o esclarecimento terá na modernidade como cânone para explicar o mundo a razão, o número, a calculabilidade e a lógica formal, ou seja, o homem usou estes preceitos para buscar a ordem e a regularidade presente na natureza.

Nessa perspectiva, com o surgimento da filosofia na Grécia no século VI a.C., a partir dos filósofos pré-socráticos, foi usada a razão reflexiva que possibilitou a superação dos mitos. Com essa nova forma de usar a razão o homem buscou na *physis*, um princípio (*arché*) primeiro para todas as coisas, ou seja, essa forma de esclarecimento tinha como tese a desmitologização do mundo.

Diante disto, os primeiros filósofos, eram homens de grande sabedoria teórica e práticas, que buscaram compreender a *physis*, o *cosmo*, e explicar os fenômenos naturais e buscaram explicar a origem do universo. Estes filósofos foram os precursores que romperam com as especulações presentes no mito, pois as explicações míticas e as crenças populares não eram satisfatórias e nem lhes davam resposta diante dos fenômenos da natureza, por isso, eles criaram uma nova forma de especulação a partir da racionalidade, que tentava compreender a realidade, o homem e os fenômenos naturais presente no *cosmos*. Segue-se que, “De agora em diante, o ser se resolve no *logos*” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

A partir de agora, o conhecimento filosófico tem como meta se afastar dos mitos de forma radical, para com isso, saí dos grilhões desta forma de explicação ineficiente e passa a usar a razão, matemática, ciência e a lógica formal, que tem como objetivo esquematizar o mundo a partir da calculabilidade, isto é, o mundo só poderia ser explicado a partir de um conhecimento racional e técnico/científico.

Isto acarreta que não é mais o mito que terá o papel de explicar o mundo, o esclarecimento pautado na razão é que deve ter uma aversão às explicações fantasmagóricas, presente na magia e no mito. Ora, o esclarecimento que tem como base a técnica e a razão tem agora o papel de destruir os deuses, as superstições. O que aponta que, tudo agora deve ser submetido ao poder do homem. Então, “Destruídas as distinções, o mundo é submetido ao domínio do homem” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21), ou seja, “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18).

Já na modernidade os filósofos vão além da filosofia que surgiu na Grécia, eles apresentam uma nova maneira de encarar o conhecimento em que buscavam mostrar que a natureza possuía suas leis próprias que deveriam ser conhecidas e para conhecer essas leis, eles tinham como base a matemática para conhecer a natureza de forma profunda e objetiva. Diante disto, estes filósofos acreditavam que o mundo possuía uma linguagem matemática, por isso, ele poderia ser compreendido a partir da aplicação da matemática sobre a natureza. Daí, o conhecimento na modernidade se apresenta tanto a matemática como método para compreender a natureza e tudo aquilo que não estava pautado na calculabilidade e na razão era excluído.

Em relação à modernidade que tinha como porta-voz, em princípio, Francis Bacon, “o pai da filosofia experimental” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17), ele via o saber como sendo, a superioridade do homem. Já que, o homem deveria usar o seu saber como um meio eficaz para dominar a natureza e para a sua autoconservação mesmo que seja necessário que o homem se sacrifique e se adapte para que isto ocorra. Portanto, poder e conhecimento para Bacon apresentam-se como sinônimos e como uma forma de dominação que não mede limites para alcançar os seus objetivos e desejos.

Nessa perspectiva, a superioridade do homem no esclarecimento está no saber, e este saber é o entendimento que deve vencer a superstição e imperar sobre a natureza

desencantada, e este desencantamento da natureza, do mundo, é a destruição do animismo, do mito, pois eles não têm validade ou qualquer credibilidade, por exemplo, na perspectiva de Bacon, “Desencantar o mundo é destruir o animismo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18). Desse modo, tudo que não está no âmbito da razão, da calculabilidade é suspeito para o esclarecimento, pois, estas crenças são supérfluas.

O pensamento presente na modernidade surge possibilitando grandes mudanças nas ciências e na visão de mundo, ou seja, na modernidade esta visão de mundo estava pautada em três ideias básicas: a ruptura da filosofia em relação à teologia, com isso, se tornando autônoma; a matemática também passa a ser a escola por excelência e por fim, a modernidade introduzira a ideia de um método experimental que buscara a objetividade dos fatos presente na natureza.

Em vista disto, a modernidade surgiu a partir de descobertas científicas que almejava um método para eliminar os conhecimentos que não pertencem à ciência, ou seja, a ciência buscava se expressar de forma precisa na natureza a partir de uma linguagem matemática e lógica.

Diante dito, o projeto da modernidade tinha o objetivo de iluminar e libertar os homens das trevas e da ignorância pertencentes o período medieval. Segue-se que na modernidade a uma introdução da razão, da matemática e do conhecimento científico como sendo a grande ferramenta da humanidade. Diante desta introdução da razão, houve um afastamento da ideia de divindade.

Dentro deste projeto então, havia a promessa de que a razão iluminasse a inteligência dos homens tornando todos esclarecidos, ou seja, livraria o homem da ignorância, dos mitos e da religião. Daí o conhecimento presente na modernidade se caracteriza por sua criticidade, objetividade e profundidade que resultou por criar novas perspectivas para o agir humano, pois não era mais necessário o homem se apoiar na religião e nos dogmas para ele tomar suas decisões no campo da ética, pois, agora ele se orientaria pela racionalidade, ou seja, a ética estava voltada a racionalidade.

Dessa forma, o esclarecimento tem como intenção administrar o mundo, ou seja, o saber, técnico/ científico se apresentou na modernidade como a essência do saber esclarecido e se caracteriza como um saber regido por métodos capazes de investigar a natureza e de controlá-la como um instrumento e esse saber têm como meta também fazer com que o homem alcance a sua liberdade. Com isso, o esclarecimento se

apresentou na modernidade como o caminho de saída do homem de sua menoridade⁴ para a maioridade.

O ESCLARECIMENTO COMO MITIFICAÇÃO DA RAZÃO

Adorno e Horkheimer defendem que as ideias presente no Esclarecimento levaram os homens a um retorno ao mito, e a uma barbárie, pois agora o mito está presente na própria razão humana, uma vez que, a razão deixou de pensar o homem em si mesmo e passou a instrumentalizar em detrimento do seu desejo de autoconservação e em relação à natureza. Sobre isto afirmam Adorno e Horkheimer, “Quando afinal a autoconservação se automatiza, a razão é abandonada por aqueles que assumiram sua herança a título de organizadores da produção e agora a temem nos deserdados” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38).

Isso nos mostra que a formação esclarecedora da modernidade, sempre esteve ligada ao desejo do homem de dominar a natureza como forma de autoconservação e se enfatizou principalmente, nos regimes autoritários e capitalistas europeus dos séculos pertencentes à modernidade, mas esse processo se deu de forma muito mais agressiva a partir de uma ideia imperialista que pregava o etnocentrismo e o antissemitismo, como por exemplo, o sistema nazista presente na Alemanha no Século XX.

O desejo desenfreado por dominação e autoconservação, foi impulsionado pelos sistemas capitalistas e totalitários que tinham objetivos econômicos bem definidos na sociedade ocidental. Sendo assim, o sistema capitalista usou a ciência progressista presente neste período para dominar a natureza a partir de seus métodos científicos, em prol do sistema totalitário e para sua autoconservação.

Diante disto, o esclarecimento para dominar a natureza acabou criando mecanismos e critérios para efetivar sua dominação, como por exemplo, a razão calculadora que foi responsável por levar o homem a uma razão instrumentalizada, alienada e pragmática, que deu origem a uma razão cega, que não vê a si mesmo, nem a destruição que ela causa a natureza e a humanidade. Resulta daí que não coube ao

⁴ “A menoridade é a incapacidade de fazer uso do seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem” (KANT, 1985, p. 100).

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 129-142
--------------	-------	------	-----------------------	------------

homem modificar-se por sua própria autonomia, seu pensamento crítico, mas somente adaptar-se a um estado de normalização, neste estado que busca apenas a autoconservação de forma imediatista e pragmática.

Em virtude disto, Adorno e Horkheimer identificam a autoconservação como sendo uma forma de barbárie que reduz o pensamento a um formalismo lógico, cujo instrumento é o número que é regido pelo princípio tautológico que tem como meta a dominação da natureza. Decorre daí que, esta lógica de identidade, incapacita o homem de distinguir entre o que ele pensa e o que é pensado, pois isso reduz a um pensamento instrumentalizado.

Assim, os procedimentos, e os critérios matemáticos, científicos, que são regidos pela repetição automática, se tornam um ritual do pensamento, em o cânone do pensamento. Transformando o pensamento em coisa, em uma razão instrumental, levando o pensamento a um formalismo lógico, e por fim, a uma razão instrumental e a uma mitificação da razão. Daí resultada que esse critério levará o esclarecimento a recair no mito. Sobre isto, Adorno e Horkheimer afirmam:

O factual tem a última palavra, o conhecimento regride-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia. Ou seja, quando mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride a mitologia da qual jamais soube escapar (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 34).

Mesmo o esclarecimento tendo em vista que o que não se submete ao critério do cálculo e da lógica deva acabar tornando-se suspeito, o que se vê é que os mitos que caem vítimas do esclarecimento, já eram o produto do próprio esclarecimento. Portanto, este conhecimento se regride ao mito, definindo o pensamento; como único, e que se caracteriza como acrítico e pautado no princípio de imanência e que busca apenas a autoconservação. Mas, o mito também já almejava a autoconservação. Desse modo, tanto o mito quanto o esclarecimento científico e filosófico já encontram suas necessidades básicas no mesmo âmbito: a autoconservação, sobrevivência, desespero e medo.

Nessa perspectiva, “o esclarecimento é um pensamento que não se pensa: o esclarecimento põs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento porque ela desviaria do imperativo de comandar a práxis” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 35). Isto significa que o esclarecimento acabou por criar uma sociedade de massa regida

pelo pensamento instrumentalizado e não crítico-reflexivo, a qual “o pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 33).

Diante disto, não cabe ao homem melhora a sua sociedade, mas, sim, adaptar-se a ela e mesmo que a sociedade em que este homem esteja inserido esteja realizando um massacre contra outros homens. Por exemplo, os campos de concentrações de extermínios de Auschwitz que durante a 2ª Guerra Mundial executou milhões de pessoas. Segue-se que estes campos, eram, no melhor dos termos, uma indústria da morte em que todos os que não se adaptavam aos padrões e propósitos da dominação totalitária eram eliminados.

Assim, devido à instrumentalização da razão, gerou-se um conformismo nos indivíduos que tinham apenas de se adequar a este tipo de massacre, criando uma frieza nos indivíduos, uma apatia, em que estes indivíduos não possam sequer pensar o porquê de tal barbárie. Com isso, surge a seguinte indagação, afinal o que é uma barbárie? Podemos dizer que em princípio é um horror gerado por uma ciência autoritária e violenta, tanto no âmbito humano como diante da natureza.

Desse modo, este estado de barbárie se apresenta como sendo a negação da subjetividade que se torna algo insignificante. Essa barbárie se dá em vários âmbitos, como por exemplo, a violência do homem contra a natureza e contra aos outros homens. Segue-se que, esta barbárie termina por atingir a própria práxis e a pisque humana, tornando os indivíduos apáticos diante de qualquer forma de violência, por exemplo, o anti-semitismo pregado pelo nazismo na Alemanha no século XX.

Esta barbárie é consequência da razão instrumental que levou o homem a um estado acrítico e irreflexivo, ou seja, esta razão instrumental é uma razão técnico/científica, que leva o homem e a natureza a um estado de opressão, pois essa razão leva os homens a um estado de terror, desespero e medo, pois, ela está a serviço da dominação e da exploração, da violência e da opressão ou seja, esta barbárie se deu entre os homens de forma que acabou gerando uma regressão da humanidade a um estado de dominação que fez com que os homens buscassem apenas a sua própria autoconservação.

Nessa perspectiva, o esclarecimento gerou este estado de barbárie que evidencia a sua autodestruição. Com isso, podemos deduzir que, a barbárie se dá quando uma

sociedade está em um estado de massificação, normalização do pensamento, ou seja, em que a razão será apenas um instrumento que não refletira sobre si mesmo, e nem sobre o que está ocorrendo ao redor, na sua sociedade, pois a razão se instrumentaliza é cega, não podendo sequer se colocar em questão.

Daí, podemos afirmar que, o esclarecimento apresentado por Adorno e Horkheimer, resulta em uma regressão do pensamento, que mantém as pessoas na menoridade e esta regressão é o fio condutor para este estado de barbárie, pois a uma conversão do homem em coisa que criará uma regressão da razão crítica para razão instrumentalizada, mitificada. Esta barbárie encaminha o pensamento essencialmente para a imitação do gesto, voz e palavras de outrem, ou seja, a uma forma de mimeses.

Esta situação de barbárie projeta mecanismos de ordem totalitária, e estas projeções são automatizadas nos homens, isso se dá pelas ideologias políticas que aliena o homem de sua consciência moral. Dessa forma, o homem usa o seu poder, seu pensamento como instrumento apenas para a sua autoconservação e não para a sua emancipação.

Essa razão instrumental presente no homem é o reflexo da barbárie, e esta barbárie se estabeleceu segundo Adorno e Horkheimer a partir de uma forma de ideologia política totalitária. Por exemplo, o regime totalitário nazista que pregava o anti-semitismo, findou por originar uma concepção, uma ideia em relação aos judeus. Estes eram para os nazistas segundo o texto de Adorno e Horkheimer, “a anti-raça, o princípio negativo enquanto tal; de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 139). Diante disto, segundo Adorno e Horkheimer, foram criadas duas teses em relação ao anti-semitismo, uma defendia o que foi mencionado na citação anterior, já a segunda tese afirmava que, “os judeus livres de características nacionais ou raciais, formariam um grupo baseado na opinião e na tradição religiosas e mais nada” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 139).

Tendo em vista o anti-semitismo pregado pela ideologia nazista, pode-se dizer que essa ideologia originou-se pelo fato da instrumentalização da razão que findou germinando em uma forma de apatia e em uma falsa projeção de pré-conceito em relação aos judeus. Esta projeção se deu de forma automática e irreflexiva, pois foi impulsionada por um desejo, por um aumento do poder de autoconservação que resultaram em uma barbárie como Auschwitz.

Diante desta violência, que levou a civilização a uma barbárie, Adorno e Horkheimer se perguntam como em uma sociedade, em países desenvolvidos do ponto de vista cultural e tecnológico, com condição de não mais ter de produzir o extermínio entre os homens, provocaram os horrores vividos principalmente no nazismo do século XX, quando poderiam promover a paz? Com isso, no prefácio da obra *Dialética do Esclarecimento*, aparece a seguinte pergunta: “por que a humanidade em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em um estado de barbárie?” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter à natureza ao eu. Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurecem a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a afastar-se do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

140

Conclui-se que o pensamento presente no esclarecimento, que pretendia transformar o homem emancipado, dos sistemas políticos totalitários, da natureza, acabou não vingando os seus propósitos, pois de fato, esperava-se da civilização científica e das ideias apresentadas pelo o esclarecimento, como sendo a via para emancipação e a causa de felicidade dos homens e não para um estado de barbárie e opressão. O homem que deveria usar a sua razão para livrar-se dos pensamentos míticos e das superstições, para que a civilização libertasse de uma barbárie sobre a sociedade e a natureza.

Todavia, os sonhos do iluminismo, diante da realidade, da situação humana, acabaram transformando-se em ilusões, havendo na verdade uma autocontradição. Sobre isto, Maia diz que:

Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento* (1987), denunciaram a autocontradição do ideal iluminista da ciência/técnica que resultou no exercício da dominação do homem sobre a natureza e sobre o próprio homem. Auschwitz, segundo os frankfurtianos, deflagrou o paradoxo da

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 129-142
--------------	-------	------	-----------------------	------------

razão tecno-científica, da irrefreável racionalidade científica planificadora. Na Dialética Negativa, Adorno apresenta Auschwitz como lugar emblemático do falimento da razão ocidental, como experiência extrema do aniquilamento do não idêntico (MAIA, 2012, p. 30).

Nesse ponto de vista, a razão crítica e emancipadora apresentada pelo o projeto iluminista findou em seu reverso, ou seja, transformou-se em uma razão instrumental cega e em uma razão mitificada. Isto fez a civilização encaminha-se a uma barbárie que não levou os indivíduos a compreender a sua sociedade e a valorizar os homens, mas para aliená-los de sua criação cultural, científica, da política e do mundo.

Ciência e técnica, que no princípio nasceram como instrumentos de emancipação do homem, tornaram-se fatores de opressão e alienação, evidenciando, assim, a contradição inerente ao processo de esclarecimento na sociedade capitalista. Em Adorno e Horkheimer, como se percebe, é acentuado o elemento da dominação (MAIA, 2012, p. 30-31).

Conseqüentemente, o projeto proposto pelo esclarecimento acabou por converter-se em mito, levando o homem a um estado de barbárie e totalitarismo. Dessa forma, a racionalidade técnica apresentada pelo esclarecimento fazia parte da própria dominação, em vez desta racionalidade emancipar os homens, terminou recaindo em ser reverso, pois foi responsável por gerar vários pontos negativos, por exemplo, a alienação e a opressão.

Diante disto, esta busca de dominação da natureza pelo o homem, a partir das várias formas de esclarecimento, como é o caso da Filosofia, da Ciência, da técnica com o objetivo de enfrentar os perigos da natureza, e tornar o homem senhor do mundo, terminou em outras palavras, levando o homem a dominar a si próprio, daí houve uma autocontradição do esclarecimento, ou seja, ele se converteu em mito.

REFERÊNCIA

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, Guido Antonio de. “Nota preliminar do tradutor”. In. ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 129-142
--------------	-------	------	-----------------------	------------

_____. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 4.ed. São Paulo:Paz e Terra, 1995.

DUARTE, Rodrigo. *Adorno/Horkheimer & A Dialética do Esclarecimento*. 2. ed.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2004.

FREITAS, Verlaine. *Para uma dialética da alteridade: a construção mimética do sujeito da razão e do tempo em Theodor Adorno*. Belo Horizonte: 2001, Tese (Doutorado em Filosofia)-FAFITCH, Universidade Federal de Minas gerais.

MAIA, Antonio Glaudenir Brasil. “Técnica e Existência: um mapa filosófico do século XX”. In. Organizador. *Técnica e existência: ensaios filosóficos*. 1. ed. Sobral: Caminhar, 2012.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: que é esclarecimento?” In. _____. *Textos seletos*. Tradução de Raimundo Vier. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

ROHDEN, Valerio. “O Criticismo Kantiano”. In. *Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação*. Organizado: REZENDE, Antonio. 13. ed. –Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2005.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 129-142
--------------	-------	------	-----------------------	------------